

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA – ISTO NÃO É UM DOCUMENTÁRIO –  
RETROSPETIVA MOCKUMENTARY  
30 de abril e 7 de Maio de 2026

PUNISHMENT PARK / 1971

*Um filme de Peter Watkins*

Realização e Argumento: Peter Watkins / Direcção de Fotografia: Joan Churchill e Peter Smokler / Direcção Artística: David Hancock / Música: Paul Motian / Som: Michael C. Moore / Montagem: Peter Watkins e Terry Hodel / Interpretação: Patrick Boland, Kent Foreman, Carmen Argenziano, Luke Johnson, Catherine Quitner, Scott Turner, Stan Armsted, Mary Ellen Kleinhall, etc.

Produção: Chartwell / Produtora; Susan Martin / Cópia: Digital, colorida, falada em inglês, com legendas electrónicas em português / Duração: 91 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

**Punishment Park**, o único filme americano da obra de Peter Watkins, é também o mais maldito dos seus títulos. Se muitos deles foram pouco vistos, **Punishment Park** foi durante décadas praticamente invisível, situação que durou quase até ao fim da década de 1990 e que foi um eco do profundo desconforto que o filme suscitou à época das primeiras exibições, sucedidas no Festival de Nova Iorque em 1971. Houve reacções violentas na imprensa, e raros foram os críticos que tomaram partido pelo filme – genericamente, censurava-se-lhe o retrato negríssimo da América e da política americana (eram os anos de Nixon e do Vietname), a total ausência de elementos redentores ou minimamente optimistas, e sobretudo o facto mais “insultuoso” de todos, a circunstância de Peter Watkins ser um cidadão britânico que tinha ido aos EUA rodar esta violentíssima e desesperada visão do estado lastimável da estrutura da democracia americana. Claro que, entre as expressões da época, não faltou o adjectivo “anti-americano”. O filme esteve quatro dias em exibição num único cinema de Manhattan, e rapidamente tirado de cartaz. Assegura o próprio Peter Watkins que, durante décadas, o filme não voltou a ser mostrado nos EUA, nem em sala nem em difusões televisivas.

Watkins, que já tinha deixado de trabalhar no Reino Unido, vinha de **Gladiatorerna**, o seu primeiro filme sueco, e apesar de toda a diferença contextual não deixa de haver em **Punishment Park** um prolongamento das preocupações temáticas e procedimentos metodológicos desse filme. Se **Gladiatorerna** já tinha uma lógica de “reality show” *avant la lettre*, essa lógica ecoa em **Punishment Park**, com a “reportagem” que acompanha a evolução do grupo de presos políticos pelo escaldante deserto californiano, e com a repetição da estrutura do “jogo”, de regras e objectivos definidos e programados: aos condenados é prometida a libertação se sobreviverem, sem qualquer espécie de assistência ou apoio, a uma caminhada de vários dias pelo deserto. Exactamente como num jogo (por exemplo um jogo de “arcada” ou de computador, coisa que quando muito apenas incipientemente existia em 1971) há um último “nível” perfeitamente definido em termos objectivos e simbólicos: chegar a uma bandeira americana, que assinala o fim do jogo e a salvação.

Mas se **Gladiatorerna** era razoavelmente abstracto, projectando-se num futuro hipotético e ainda longínquo, **Punishment Park** desenrola-se num “aqui e agora” fortemente inspirado pelo momento político nos EUA, a intensa contestação à guerra do Vietname e os vários casos de repressão, policial, militar e judicial, a essa contestação – e tanto assim que nas cenas de tribunal alguns dos diálogos citam ou se inspiram em autênticos diálogos de julgamentos

semelhantes realmente sucedidos (embora seja difícil reconhecer exactamente o que é “autêntico” porque Watkins, fiel aos seus métodos, partiu de um argumento escrito e planeado ao mais ínfimo detalhe para o ir abandonando em favor da espontaneidade da rodagem e da improvisação dos actores, convidados – ainda como num jogo, agora de “role playing” – a investirem-se tão profundamente quanto pudessem das personagens que interpretavam e do estatuto que representavam). E foi esta “distopia do presente”, real e palpavelmente fundada em acontecimentos quotidianos reconhecíveis, que provocou tanto desconforto, deixando os espectadores da época indecisos sobre se deviam considerar **Punishment Park** como uma “previsão”, ao género da ficção científica, dum futuro próximo, ou como uma “metáfora” ou uma “parábola” dos tempos que, em 1971, já estavam ser vividos.

Outro dos nomes que chamaram a Watkins na altura foi “paranóico”. Podemos aceitar este, porque parece evidente que a “paranóia” é uma componente essencial do cinema de Watkins, ferreamente desconfiado de tudo e de todos, e especialmente de toda e qualquer instância de poder. A “paranóia”, aqui duplica-se – ao temor da malignidade do governo americano acrescenta-se a imaginação do temor do governo face ao que vê como a malignidade dos contestatários. É um beco sem saída, como se vê bem nas cenas de tribunal, onde por mais horas que continuassem a argumentar nunca ninguém convenceria ninguém. Este aspecto – o “diálogo de surdos”, por assim dizer – é relevado num artigo escrito alguns anos depois, já com alguma distância e frieza, pelo crítico americano Scott McDonald, que via em **Punishment Park** também “*um filme sobre a polaridade essencial do pensamento político americano e sobre a nossa incapacidade para resolvermos eficazmente as nossas diferenças básicas*”, algo que parece bastante bem observado se pensarmos num *vol d’oiseau* pela história americana, da Guerra Civil à Administração Trump.

Mas vale a pena ainda referir a dimensão “sado-masoquista” que essa paranoia configura em **Punishment Park**, e que também não é nova nem inédita no cinema do Watkins – está lá em muitos casos, no **War Game**, nas curtas-metragens, nos **Gladiatorerna**, filmes obcecados com o sofrimento e o martírio, e pelos mecanismos com que esse sofrimento é infligido. O ambiente controlado e preparado, quase cerimonial, de **Punishment Park**, o seu “fetichismo” do castigo, quase propriamente “sadiano” mesmo que desprovido das conotações eróticas, propicia de novo essa sensação - e não é por acaso que o filme “encontra” algumas grandes e célebres fantasias filmadas muitos anos antes, as caças ao homem do **The Most Dangerous Game** de Irving Pichel e Ernest Schoedsack ao **Naked Prey** de Cornel Wilde, sem falar do **Greed** (o deserto) desse mestre sado-maso que foi Stroheim (e podíamos pensar também, embora o contexto seja totalmente diferente, num filme como o **Shock Corridor** de Fuller, que também filmava um “castigo” para a dissensão). Aqui, vale a pena referir ainda que esse “sofrimento” (com ou sem aspas) foi transposto para o próprio método de rodagem, e que os actores (quer os intérpretes dos condenados quer os das forças policiais) foram mesmo postos em situações-limite, levados ao extremo do seu mergulho nas personagens, assegurando o próprio Watkins que há vários momentos do filme em que os diálogos, os confrontos e as reacções são absolutamente “genuínas”.

Em todo o caso, criação de uma ficção para a converter em documento dela própria, ou exactamente o contrário disso, **Punishment Park** será dos filmes em que Watkins mais fundo levou os pressupostos da sua démarche como cineasta.

Luís Miguel Oliveira